

OLHARES FOTOGRÁFICOS SOBRE AS ALDEIAS DE TRÁS-OS-MONTES – PORTUGAL: A DESCOBERTA DO “REINO MARAVILHOSO” PELAS LENTES DE GEORGES DUSSAUD

PHOTOGRAPHIC LOOKS ABOUT THE VILLAGES OF TRÁS-OS MONTES - PORTUGAL: THE DISCOVERY OF THE “REINO MARAVILHOSO” BY THE LENSES OF GEORGES DUSSAUD

Flávia Demke Rossi

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação/UFPel
flavia.demkerossi@gmail.com

Dra. Mari Lucie da Silva Loreto

Professora Adjunta ao Centro de Artes/UFPel
mari_lucie@yahoo.com

RESUMO

No segundo semestre de 2014, através de um intercâmbio acadêmico, morei em uma região carinhosamente apelidada de “Reino Maravilhoso”. A região é Trás-os-Montes e se localiza no nordeste de Portugal. Como o nome sugere, é uma região montanhosa, cujo acesso foi dificultado durante séculos, o que propiciou uma grande riqueza cultural. Fato que despertou o olhar do fotógrafo francês Georges Dussaud, que na década de 1980, estava de passagem pela região. Sem demora, ele retornou a Trás-os-Montes com o interesse de fotografar a vida nas aldeias, essas pequenas comunidades da zona rural, cujo progresso ainda não havia afetado. A potência de seu trabalho se encontra no valor humano, na autenticidade das expressões e das ações cotidianas dos moradores, o que incluía os fazeres domésticos, as lidas no campo, as brincadeiras das crianças, etc. Dussaud explorou a luz e a sombra no interior das casas de pedra, para revelar a maneira simples e acolhedora de viver do povo transmontano. Tais características notei ao conhecer as aldeias e conversar com seus moradores durante o meu período de intercâmbio. Por isso, objetivo neste artigo atentar para os aspectos de similaridade, quanto aos registros sobre a experiência vivida por Dussaud, em relação a minha experiência no encontro com as pessoas e com a cultura ainda preservada nas aldeias. Considero importante o conhecimento sobre este fotógrafo e seu trabalho, por ele conceder importância a vida cotidiana dessas comunidades mais afastadas.

Palavras-chave: Fotografia; Georges Dussaud; Trás-os-Montes; Cultura; Cotidiano;

ABSTRACT/

In the second half of 2014, through an academic exchange, I lived in a region affectionately dubbed the "Reino Maravilhoso". The region is Trás-os-Montes and is located in the northeast of Portugal. As the name suggests, it is a mountainous region whose access has been hampered for centuries, which has provided a great cultural richness. A fact that aroused the eye of the French photographer Georges Dussaud, who in the 1980s was passing through the region. Without delay, he returned to Trás-os-Montes with the interest of photographing life in the villages, these small rural communities whose progress had not yet affected. The power of his work lies in the human value, in the authenticity of everyday expressions and actions of the inhabitants, which included the domestic practices, the ones read in the field, the children's games, etc. Dussaud explored the light and shadow inside the stone houses to reveal the simple and welcoming way of living of the people of the Transmontano. Such characteristics I noticed when meeting the villages and talking with their residents during my period of exchange. Therefore, the purpose of this article is to look at aspects of similarity, regarding the records of the experience lived by Dussaud, in relation to my experience in the encounter with the people and with the culture still preserved in the villages. I consider important the knowledge about this photographer and his work, for he attaches importance to the daily life of these more distant communities.

Keywords: Georges Dussaud; Trás-os-Montes; Culture; Daily

O presente artigo tem origem em uma viagem de descoberta. Não apenas descoberta de um novo lugar, mas descoberta de si através do olhar do outro. Um outro muito diferente, com a sua própria cultura e com a sua maneira de ser, cuja diferença cedeu espaço para a familiaridade, para a identificação com as pessoas e com o novo território. É neste misto de nostalgia e afeto, que gostaria de apresentar-lhes nas páginas que se sucedem, um pouco sobre o que encontrei quando adentrei ao “Reino Maravilhoso”, apelido carinhoso dado por um filho da terra, o escritor português Miguel Torga. Reino Maravilhoso, o chamam, àqueles cujos olhares se perderam por entre as montanhas cobertas pelas árvores amareladas do outono ou pela neve branca do inverno. Ou mesmo, àqueles que já receberam um olhar de irmão bem-vindo, dado por sua gente. Não podendo esquecer das genuínas manifestações artísticas que sobrevivem ao tempo e que compõem a originalidade do Reino Maravilhoso, cujo nome oficial é Trás-os-Montes, região que está localizada no nordeste de Portugal, na divisa com a Espanha.

Miguel Torga, escritor nascido em Trás-os-Montes, dedicou sua vida as palavras e a sua poesia para falar de sua amada terra:

Também entre nós existem ainda mundos rurais miraculosamente intactos, à espera de uma objetiva que os perpetue antes que desapareçam de vez na voragem do progresso. Mundos de humanidade, de imaginação, de pobreza, de injustiça e de lirismo, que mais tarde será preciso reconstruir para saber que os houve, e que agora bastaria retratar escrupulosamente, sem retoques, como fez o realizador transalpino. (TORGA, 1999 apud Catálogo do Centro de Fotografia Georges Dussaud, 2013, p. 4)

Este “realizador transalpino” a que Torga se refere, chama-se Georges Dussaud. Fotógrafo francês, que na década de 1980, estava viajando, e em seu retorno, passou pela Região de Trás-os-Montes. Foi então que ele e sua família encantaram-se pelo lugar, conforme descreve a sua esposa, Christine Dussaud: “A nossa história com Portugal começou realmente aqui, numa primeira viagem ao Alentejo com nossos três filhos. No caminho de regresso, ao passar por Trás-os-Montes, ficamos profundamente impressionados com a arquitetura maciça das casas de pedra” (Dussaud, Catálogo do Centro de Fotografia Georges Dussaud, 2013 p.7). Foi então que nos anos seguintes retornaram à região, a fim de perceber e retratar esses “mundos rurais” (conforme Torga), que eram as aldeias (comunidades rurais) em Trás-os-Montes. O trabalho deste fotógrafo será apresentado no decorrer deste artigo, procurando relacionar a sua percepção às minhas humildes impressões sobre esse lugar tão grandioso, que é a região de Trás-os-Montes.

Trás-os-Montes, como o próprio nome sugere, situa-se em meio a uma cadeia de montanhas. “Um mundo! Um nunca acabar de terra grossa, fragosa, bravia, que tanto se levanta a pino num ímpeto de subir ao céu, como se afunda nuns abismos de angústia, não se sabe porque telúrica contrição”, como diria Torga (1979, p.101). O relevo serrano por ser de difícil acesso, contribuiu, nos séculos passados, para um certo isolamento geográfico do restante do país. Isso trouxe consequências significativas em termos culturais, que se expressam através dos seus ritos, suas músicas, sua culinária, na sua arte/artesanato, nas suas festas tradicionais, nas suas crenças, na maneira com que se cultiva a terra e tira dela o seu sustento, na criação dos animais, e não menos importante, na maneira do povo transmontano de ser, cuja aparência por vezes rude, esconde o caráter afetuoso de sua gente. Não há como negar que o povo transmontano carrega de herança o seu passado.

A Terra Fria Transmontana [com] excelentes recursos naturais, ressentiu-se durante séculos o abandono que a [levou] a um ostracismo profundo, mas que lhe sedimentou uma expressiva identidade cultural. As duras condições de periferia que a formação política lhe imprimiu no passado [se transformaram] com a diluição de fronteiras e a livre e franca circulação. (MATOS, FONSECA & ASSOCIADOS E RCL IMAGEM E COMUNICAÇÃO, 2014, p. 5)

“Terra-Quente e Terra-Fria. Léguas e léguas de chão raivoso, contorcido, queimado por um sol de fogo ou por um frio de neve. Serras sobrepostas a serras, montanhas paralelas a montanhas ” (Torga, 1979, p.101). Terra Quente e Terra Fria são as subdivisões da região transmontana. A primeira está mais localizada mais na direção sul e oeste, é formada pelos municípios de Macedo de Cavaleiros, Mirandela, Alfândega da Fé, Torre de Moncorvo, Carrazeda de Ancães, Vila Flor e Freixo de Espada-à-Cinta. A segunda, ao nordeste da região transmontana, é composta pelos municípios de Bragança, Miranda do Douro, Mogadouro, Vimoso e Vinhais.

Arrisco dizer que a altitude tem influência direta nesta divisão de Terra Quente e Terra Fria. Na Terra Fria, o relevo é mais acidentado e a altitude ultrapassa os seiscentos metros acima do nível do mar. O clima possui grande variação térmica, com invernos rigorosos onde há temperaturas negativas e neve e os verões com calor acima dos trinta e cinco graus célsius. Fato que justifica o ditado popular “nove meses de inverno e três meses de inferno”. Na Terra Fria, se cultiva a castanha, a batata, o centeio, as olivas, o mel, bem como, há a criação de bovinos, caprinos, ovinos e suínos. Tendo em vista que a produção do “fumeiro” (variados tipos de enchidos com carne) é muito recorrente em toda região transmontana. Na Terra Quente,

talvez por ter um clima mais ameno no inverno é mais forte o cultivo das oliveiras, das cerejeiras, das amendoeiras e das vinhas.

A agricultura familiar de subsistência, as construções de pedra das suas casas, as suas crenças, os seus rituais e as suas manifestações artísticas ainda encontram raízes profundas nos tempos passados. Raízes que ligam o homem e a mulher transmontanos à valorização da natureza e da sua ancestralidade.

Conheci tais aspectos, quando em setembro de 2014 fui contemplada com uma bolsa de mobilidade acadêmica para estudar no Instituto Politécnico de Bragança, no município de Bragança, na região de Trás-os-Montes. Por meio desta oportunidade morei durante cinco meses na cidade, para cursar um semestre do Curso de Licenciatura em Arte e Design da referida instituição. Durante esse período de intercâmbio, as descobertas eram constantes, tanto dos espaços urbanos, quanto da zona rural da cidade. A cidade era (é) pequena, mas efervescente, tanto pela presença de estudantes vindos das mais diversas nacionalidades, quanto pela variedade de atividades culturais. Bragança possui um teatro municipal, centros culturais, museus, inclusive um deles situado no interior do Castelo de Bragança, um castelo medieval cujos muros abrigavam a cidadela, primeiro núcleo urbano da cidade. Embora o território transmontano tenha vestígios de ocupação desde a Idade do Bronze, passando por ele povos como: celtas, romanos, suevos e visigodos. Abaixo uma fotografia de Bragança e o seu centro histórico.



Imagem 1: Cidade de Bragança e seu castelo. Fonte: Acervo pessoal. 2014.

Gradativamente sentia-me mais integrada no novo território, à medida que o conhecia, conhecia a sua cultura e a sua gente. Por vezes caminhava na cidade sem um destino certo, apenas para descobrir novas arquiteturas e novas paisagens. Nessas caminhadas, inúmeras

vezes encontrei pessoas dispostas a darem um pouco de seu tempo para uma breve conversa. Conversas que suscitavam empatia, confiança, respeito e calor humano. Sentia-me um pouco como o errante descrito por Mafesolli (2001),

...o errante pode ser solitário, mas não é isolado, e isso porque participa, realmente, imaginária ou virtualmente, de uma comunidade vasta e informal que, não tendo obrigatoriamente duração longa, nem por isso é menos sólida, pelo fato de ultrapassar os indivíduos particulares e unir a essência de um ser-conjunto fundado sobre os mitos, arquétipos. E renascendo nas pequenas comunidades pontuais, nas quais se dá, com mais intensidade por sentirem elas passageiras, a circulação dos sentimentos e das emoções que nunca se proclamará suficientemente o papel que desempenham na estruturação social. (MAFESOLLI, 2001, p. 71 a 72)

Estando em Bragança no período de setembro de 2014 a fevereiro de 2015, pude acompanhar a transição do outono para o inverno e a consequente modificação da paisagem e da temperatura. Em poucas semanas o verde das árvores ia cedendo espaço para uma variação de tons quentes: laranjas, amarelos e avermelhados, que tornavam uma simples caminhada em momentos de contemplação da natureza em transformação.



Imagem 2: O outono e o colorido das árvores em Trás-os-Montes. Fonte: Acervo pessoal, 2014

Semanalmente a Câmara Municipal de Bragança promovia caminhadas pelas aldeias da zona rural do município. No território transmontano as áreas urbanas são ínfimas em comparação as áreas rurais, as quais estão repletas por dezenas de aldeias, que são comunidades semelhantes ao que entendemos como vilas. As aldeias são pequenas em sua maioria e sobrevivem com poucas dezenas de moradores, com uma significativa população idosa, consequência da baixa taxa de natalidade do país e da emigração dos jovens para centros urbanos e outros países europeus com a economia de maior estabilidade.

Na primeira caminhada que participei nos dirigimos à aldeia de Faílde, junto a um grupo animado a entoar canções tradicionais portuguesas. Ao longo dos 12km tentei registrar um pouco da paisagem serrana que se modificava e revelava novos aspectos constantemente.



Imagem 3: Caminhada nos arredores da Aldeia Faílde. Fonte: Acervo pessoal, 2014.

O caminho revelava surpresas! Como os cogumelos gigantes escondidos na vegetação rasteira, e as antigas e enormes castanheiras com seus frutos quase maduros. As castanhas, cozidas ou assadas na brasa, são de grande importância econômica à região. A aldeia de Faílde, (como em todas as aldeias que conheci posteriormente), possuía casas ou construções feitas de pedra, algumas muito antigas, levantadas apenas pelo encaixe das formas irregulares da pedra de xisto, mineral dominante na região. A simplicidade e a resistência ao tempo daquelas construções, me encantavam. Assim, suponho, como devem ter encantado a Georges Dussaud e sua família quando passaram pela primeira vez por estes caminhos tortuosos, mas repletos de beleza, que compõem a zona rural transmontana.



Imagem 4: Construção de pedra da aldeia Faílde. Fonte: Acervo pessoal, 2014.

As casas de pedra, contribuem para reforçar ainda mais a integração do ser humano com a natureza que é evidente nos costumes, tradições e demais aspectos culturais em Trás-os-Montes. Esta característica foi reconhecida através da candidatura da “Reserva da Biosfera Transfronteiriça Meseta Ibérica”, que abrange os municípios da região transmontana somados aos municípios espanhóis de fronteira. Tudo para que aquele espaço seja reconhecido pela UNESCO, como um território que traz por excelência uma simbiose entre o ser humano e a biosfera.

No meio de todo este mosaico policultural, o homem tem conseguido manter uma integração relativamente harmoniosa em relação ao meio ambiente que o rodeia, usando os recursos naturais de uma forma sustentada. Deste ordenamento do território, resultaram aglomerados rurais concentrados que ponteiavam de uma forma dispersa o território. Inserem--se no meio de uma grande variedade de coberto vegetal, em que se mesclam carvalhais, soutos, olivais, amendoais, pomares, hortas, matos, culturas de sequeiro e pastagens entre galerias ripícolas de pequenos cursos de água. (MATOS, FONSECA & ASSOCIADOS E RCL IMAGEM E COMUNICAÇÃO, 2014, p. 24)

Mundos rurais, que mesclam os fazeres diários de homens e mulheres do campo em consonância com a diversidade que a natureza oferece para a sobrevivência humana. Para Torga, a integração ser humano e natureza é tamanha que vai além de sua maneira de ser e agir, se encontra na própria face do povo transmontano: “Homens de uma só peça, inteiriços, altos e espadaúdos, que olham de frente e têm no rosto as mesmas rugas do chão.” (Torga, 1979, p. 104)

As rugas do chão... Não há como desassociar Trás-os-Montes de sua gente e de sua paisagem. Bem precioso da região, o Parque Natural de Montesinho estende-se em uma área ao norte dos municípios de Bragança e Vinhais. O Parque “caracteriza-se por uma elevada diversidade morfológica, geológica e climática, que se reflete na adaptação das espécies animais

e vegetais ao meio físico e conseqüentemente na paisagem.” (Matos, Fonseca & Associados e RCL imagem e comunicação, 2014, p. 28) Dotado de uma beleza singular, natural e selvagem, o parque preserva em seu espaço variadas espécies de animais e vegetais nativos da região.

Quando tive a oportunidade de conhecer o Parque Natural de Montesinho, o outono se mostrava com todo seu vigor, mas o frio de cinco graus, prenunciava a aproximação do inverno. Naquela manhã gélida e chuvosa, seguimos nossa caminhada com o grupo, serpenteando as serras do Parque. A dificuldade proporcionada pela chuva, pelo vento e pelo frio, era recompensada pelo prazer proporcionado por uma paisagem surreal. Uma experiência que despertou em mim um sentimento de pequenez e estesia perante aquele lugar de “águas cantantes”, e variadas formas de vida, vegetal e animal. As florestas de carvalho-negral, árvores nativas de folhas caducas, concediam o tom amarelado e alaranjado ao caminho, enquanto que as serras, grandiosas e imponentes, pareciam se pronunciar:

Vê-se primeiro um mar de pedra... Tudo parado e mudo. Apenas se move e se faz ouvir o coração no peito, inquieto a anunciar o começo duma grande hora. De repente rasga a crosta do silêncio uma voz atoadora: ‘- Pra cá do Marão, mandam os que cá estão! ...’. Sente-se um calafrio. A vista alarga-se na ânsia e no assombro. Que penedo falou? Que terror respeitoso se apodera de nós? Mas de nada vale interrogar o grande oceano megalítico, porque o nune invisível ordena: ‘- Entre!’. A gente entra, e já está no Reino Maravilhoso. (TORGA, 1979, p.99-100)



Imagem 5: Parque Natural de Montesinho. Fonte: Acervo pessoal, 2014.

Como em uma porta de entrada imaginária, adentrei o Reino Maravilhoso e estava cada vez mais absorvida por aquele lugar, de lindas paisagens, de culturas muito antigas e gente muito simples e franca. Cada vez mais sentia que o lugar estava se tornando parte de mim. Que as experiências que me ocorriam, também me formavam enquanto sujeito errante, que se põe a caminho e se deixa ser afetado no contato com o desconhecido, com o diferente.

Baudelaire, disserta sobre este sujeito que se encontra no transitório e se permite as descobertas de novos lugares e modos de vida:

Para o perfeito flâneur, para o observador apaixonado, é um imenso júbilo fixar residência no numeroso, no ondulante, no movimento, no fugidio e no infinito. Estar fora de casa e contudo sentir-se em casa onde quer que se encontre; ver o mundo, estar no centro do mundo e permanecer oculto ao mundo, eis alguns dos pequenos prazeres desses espíritos independentes, apaixonados, imparciais, que a linguagem não pode definir senão toscamente. (BAUDELAIRE, 1996, p. 21)

Percebo que Baudelaire consegue captar a essência dessa sensação que sentia no encontro com aquele lugar, que embora tão distinto, causava-me a sensação de casa, descrita pelo poeta. Ao mesmo tempo que me percebia enquanto espectadora dos modos de vida, da cultura e da integração do ser humano e a natureza.

Ao sair do espaço conhecido por nossos sentidos colocamo-nos suscetíveis a viver novas experiências que são proporcionadas pelo deslocamento. Este, pode tanto provocar reação de estranhamento no contato com a alteridade, quanto de familiaridade na percepção de semelhanças entre o lugar de origem e o novo lugar. As reações de estranhamento e familiaridade foram vivenciadas por mim durante o intercâmbio, em um processo constante de descobrimento, conhecimento, reconhecimento e identificação com o novo lugar e sua gente.

Os homens e as mulheres transmontanos, a sua paisagem, a sua cultura.... Durante o breve tempo que permaneci em Trás-os-Montes, pude perceber que essa tríade é inseparável e que há uma ligação intrínseca, uma relação que vibra em conjunto, no que diz respeito ao povo transmontano e sua amada terra. Terra que em mim despertava uma relação de identificação e ao mesmo tempo, de descobrimento constante, constituindo assim, um saber sensível sobre o lugar tão bem nomeado de Reino Maravilhoso.

. Quando retornaram as aulas do recesso de Natal, o professor da disciplina de Fotografia e Vídeo, solicitou que realizássemos um trabalho fotográfico, a partir do conceito de integração e metamorfose entre o ser humano e a natureza. Foi então que resolvi pegar minha câmera e seguir para a Aldeia de Castro de Avelãs. Na chegada, um pouco adiante da ponte de entrada da aldeia, encontrei uma senhorinha. Me apresentei a ela e começamos a conversar enquanto ela seguia para tratar os seus bezerros. Contei a ela que a minha família no Brasil também morava na zona rural e criava animais. Enquanto conversávamos, eu a fotografava, bem como a aldeia, as casas de pedra e os galpões que já se deterioravam com a ação do tempo. O tempo se fazia presente até mesmo na fala daquela senhorinha e seu marido, que lembravam saudosos do passado e pessimistas sobre o presente, num sentimento de abandono. Segue duas fotografias desse encontro:



Imagem 6: Flávia Rossi. Senhorinha que me recebeu em Castro de avelãs. Fonte: Acervo pessoal, 2014.

Eles me apresentaram a outra senhorinha que tinha as chaves da igreja de Castro de Avelãs. Pacientemente ela abriu as portas da capela para mim e me apresentou àquele espaço muito antigo, mas bem preservado. Aquela igreja fazia parte de um conjunto monacal muito importante entre os séculos XII e XVI, sendo construída em estilo românico mudéjar, proveniente da Província de Léon na Espanha.

Ao deixar a igreja, caminhei pela aldeia a fim de fotografá-la. Quando a bateria da câmara acabou, solicitei ajuda a uma moradora. Subi as escadas daquela casa que era simples como a sua gente. Sem muito questionar quem eu era, aquela senhora ofereceu-me uma cadeira para sentar em sua cozinha. Perguntou a mim se eu estava com fome, pois tinha me visto pela aldeia pela manhã e àquela hora já eram quase duas da tarde. Meio envergonhada com a observação, aceitei de bom grado sua fatia de pão, queijo e pedaço de chouriça caseiros. Ao meu lado, próxima a um forno a lenha, estava sentada a senhorinha que tinha me apresentado a igreja. As duas vizinhas conversavam animadamente e acima delas, havia algumas varas de chouriça e de alheiras sendo defumadas com o calor do fogo. Feliz eu observava a cena, quando o ônibus da Câmara Municipal de Bragança já estava por chegar a aldeia. Assim, despedi-me daquelas senhoras e segui o meu caminho, relembrando o que acabava de viver na aldeia de Castro de Avelãs.



Imagem 7: Flávia Rossi. Aldeia de Castro de Avelãs – Bragança. Fonte: Acervo pessoal, 2014

Percebo que estas experiências e o resultado fotográfico que dela derivou, foram importantes para a minha reflexão relacionados a produção artística, a memória e a paisagem de Trás-os-Montes. Às fotografias realizadas na Aldeia de Castro de Avelãs, juntam-se àquelas produzidas na Aldeia de Grandais, no interior de Bragança, que foram realizadas no mesmo período, sob a mesma temática.



Imagem 8: Flávia Rossi. Aldeia de Grandais – Bragança. Fonte: Acervo pessoal, 2014.



Imagem 9: Flávia Rossi. Aldeia de Grandais – Bragança. Fonte: Acervo pessoal, 2014.



Imagem 10: Flávia Rossi. Aldeia de Grandais – Bragança. Fonte: Acervo pessoal, 2014.

Há uma passagem de Torga (1979), sobre o Reino Maravilhoso que diz:

Bata-se a uma porta rica ou pobre, e sempre a mesma voz confiada nos responde: ‘- Entre quem é!’ Sem ninguém perguntar mais nada, sem ninguém vir a janela espreitar, escancara-se a intimidade duma família inteira. O que é preciso agora é merecer a magnificência da dádiva... Resta saber se haverá coisa mais bela nessa vida do que o puro dom de olhar um estranho como se fosse um irmão bem vindo, embora o preço da desilusão seja às vezes uma violência. (TORGA, 1979 p. 105)

Para mim, receber a confiança e a bondade das pessoas das aldeias que conheci, foi de fato um dos melhores presentes do intercâmbio. Concordo com Miguel Torga: ser visto como um irmão bem-vindo, está entre as coisas mais belas da vida.

Interessado nesses universos afastados da cidade, também se encontra o trabalho do fotógrafo francês George Dussaud. Nascido em 1934, Dussaud começou a trabalhar com fotografia na década de 1970, e atualmente trabalha na agência Rapho na França. Possui um extenso trabalho fotográfico adquirido ao longo das décadas e das inúmeras viagens pelo mundo. Diante das inúmeras diferenças encontradas, uma coisa permanece a mesma: o seu olhar para capturar a humanidade das cenas, as dores e as alegrias, os afazeres e os momentos de festa e descanso. Na década de 1980, ele e sua família estavam voltando de viagem e passaram uma aldeia transmontana, onde ficaram impressionados com a atmosfera do local que remetia há séculos passados. Foi então que Dussaud e sua esposa, regressaram a Portugal no ano seguinte e foram parar na aldeia transmontana de Negrões. Lá conheceram um jovem e o perguntaram se havia algum lugar na aldeia que eles pudessem ficar. O jovem então ofereceu a

casa de sua mãe para a estadia de Dussaud e sua esposa. Desde então, sempre que eles regressavam a Trás-os-Montes voltavam à casa daquela senhorinha. Desde a década de 1980, Dussaud fez 80 viagens a Portugal e conseguiu fotografar todas as regiões do país.

Em uma entrevista, Dussaud aborda a originalidade da região transmontana, “Trás-os-Montes é muito fotogénico. É teatral. Os interiores são rústicos, com a luz crua da pintura holandesa, como nos interiores de Vermeer. Trás-os--Montes é uma região autêntica. Autêntica, mas não folclórica” (Dussaud, 2013). Segue algumas fotografias tiradas na década de 1980 e 1990, por este poeta da imagem:



Imagem 11: Georges Dussaud. Varge, Serra de Montesinho, 1987 Fonte: Catálogo do Centro de Fotografia Georges Dussaud, 2013

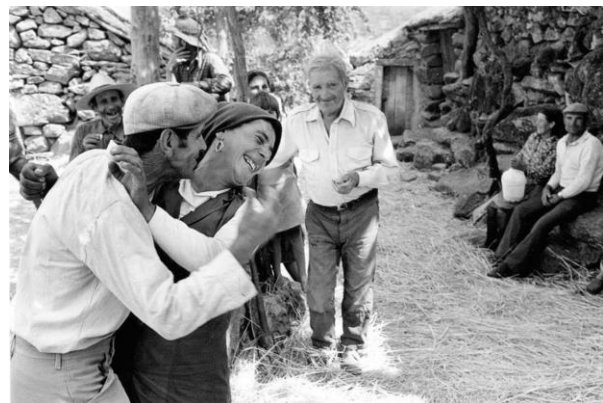


Imagem 12: Georges Dussaud. Agrelos, Serra do Barroso, 1981. Fonte: Catálogo do Centro de Fotografia Georges Dussaud, 2013



Imagem 13: Georges Dussaud. Negrões, Serra do Barroso, 1982 Fonte: Catálogo do Centro de Fotografia Georges Dussaud, 2013

Dussaud, passava longos períodos vivendo com as pessoas das aldeias. Por isso seu olhar é de “Um viajante que vive os lugares, o cotidiano das gentes, que o abrigam, que o reconhecem como amigo, porque sabem que o seu olhar é amigo: não há nunca intrusão, mas convivência, compreensão das emoções na justa medida.” (SIZA, Catálogo do Centro de Fotografia Georges Dussaud, 2013, p. 13). Suas fotografias possuem uma sensibilidade extraordinária para o ser humano, e seu olhar é de alguém bem-vindo, que respeita, que participa e compartilha de certa maneira, a cultura local. Dussaud mostra por meio de seu trabalho, a dureza das atividades rurais, as condições de vida dos moradores, a vida das crianças do campo.... Também as reuniões, as colheitas, as festas, os rituais... A alegria e a esperança expressas nos olhares daquelas pessoas.

Nas imagens que constrói, estão presentes essas mulheres, esses homens e essas crianças. Com seus rostos e seus corpos. Inteiros. Com as suas emoções e sentimentos... Dores e alegrias. Com as suas posturas, os seus gestos e os seus ritos. Com os seus fazeres e lazeres. Com as suas lutas e rituais. Com os seus risos e as suas rezas. Com os objetos – arcaicos, mas eficazes... – da sua civilização material. Com as suas usanças e costumeiras. Em muitos ambientes e em muitas circunstâncias. (MONTEIRO, Catálogo do Centro de Fotografia Georges Dussaud, 2013, p.17)

O olhar de Dussaud é um olhar em preto e branco, um olhar que necessita suspender a ação para perceber a imagem que se está a ver. Requer esse gesto de interrupção, para adentra-se as cenas por ele apresentadas. Nas palavras de Dussaud (2013),

A fotografia a preto e branco exige que quem a vê se embrenhe naquilo que está a ver. A fotografia a cores exige menos e tem menos mistério. O preto e branco é uma linguagem próxima da poesia. As pessoas têm de entrar na imagem. Vivemos uma época em que a cor é a protagonista das solicitações comerciais - o cinema é a cores, a publicidade é a cores, a televisão é a cores. Vivemos cercados de cores. Na sociedade contemporânea há uma espécie de usura da cor. (DUSSAUD, entrevista, 2013)

A fotografia de Dussaud, tem mesmo essa capacidade para nos transportar para esse outro tempo. Um tempo que embora seja recente, conserva um modo de vida que nos remete ao passado. Pois essa simplicidade das pessoas e das cenas cotidianas, são preciosismos que a vida contemporânea aparenta ter nos tirado. Esse Trás-os-Montes retratado por Dussaud pode ainda ser reconhecido ao caminhar pelas aldeias e conversar com a sua gente.

Aí está um Trás-os-Montes, que faz parte do nosso imaginário, feito de muitos trás-os-montes (uns mais afastados no tempo, outros mais próximos). Fica a estranha sensação de estarmos a entrar num mundo que ainda existe e que já é perdido. Um mundo mágico e sofrido, dormente e medievo. Assim... ali há séculos. (MONTEIRO, Catálogo do Centro de Fotografia Georges Dussaud, 2013, p.17)



Imagem 14: Georges Dussaud.
Alturas do Barroso, Serra do
Barroso, 1981 Fonte: Catálogo do
Centro de Fotografia Georges
Dussaud, 2013



Imagem 15: Georges Dussaud. Alturas do Barroso, Serra do Barroso, 1985
Fonte: Catálogo do Centro de Fotografia Georges Dussaud, 2013



Imagem 16: Georges Dussaud. Pitões das Júnias, Serra do Gerês, 1992
Fonte: Catálogo do Centro de Fotografia Georges Dussaud, 2013

Conheci o trabalho deste fotógrafo através do Centro de Fotografia Georges Dussaud, em Bragança. Para mim ele tornou-se uma referência artística muito importante. Através da expressividade, espontaneidade e sensibilidade que as suas fotografias tramitem, pude refletir sobre o que estava vivenciando durante o período de intercâmbio, no encontro com estes “mundos rurais” repletos de simplicidade, hospitalidade e antigas tradições. O olhar sensível de

Dussaud, me fez lembrar também das minhas vivências pessoais através de suas temáticas rurais: o pastoreio dos animais, a colheita da uva, as plantações, etc.

As fotografias de Dussaud possuem vida, vida que pulsa em meio as adversidades, as lidas do campo, o pastoreio nos campos de neve, os interiores das casas de pedra, nas brincadeiras das crianças, nos ritos festivos.... Por ter frequentado o Centro de Fotografia Georges Dussaud, acredito que também meu olhar tenha, de certa maneira, sido influenciado por esse grande fotógrafo, cujo trabalho tocou-me profundamente. As fotografias de Georges Dussaud e a poesia de Miguel Torga complementam-se para expressar a grandiosidade do Reino Maravilhoso, onde não há palácios ou monarcas, mas humildes casas de pedra e gente simples e generosa, cujo tesouro está em sua maneira de ser e de “olhar o outro como um irmão bem-vindo” (como diria Torga, 1979).

Referências

Livros

AFONSO, Roberto de Moraes; PATROCÍNIO, Teresa A. R.; **Guia do Ecomuseu de Vinhais**. Câmara Municipal de Vinhais: Corane, 2009.

BAUDELAIRE, Charles; **Sobre a Modernidade: o pintor da vida moderna**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

CARVALHO, António Carlos. **Graça Moraes: Terra Quente o fim do milênio: As quatro estações do ano**. Editora Gótica, 2000.

DUSSAUD, Christine. **Crônicas Portuguesas**. In: Centro de Fotografia Georges Dussaud. Catálogo. Câmara Municipal de Bragança: Abril de 2013.

MAFFESOLI, Michel. **Sobre o Nomadismo: Vagabundagens pós-modernas**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

Matos, Fonseca & Associados e RCL imagem e comunicação. **Guia Terra Fria Transmontana**. Versão e-Book a partir da 2ª edição, revista e ampliada, 2014. Disponível em: <http://www.rotaterrafria.com/>. Acessado em 20 de setembro de 2015.

MONTEIRO, José Rodrigues. **Georges Dussaud: Contador de imagens**. In: Georges Dussaud. Centro de Fotografia Georges Dussaud. Catálogo. Câmara Municipal de Bragança: Abril de 2013.

SIZA, M. Teresa; **O espelho fraterno**. In: Georges Dussaud. Centro de Fotografia Georges Dussaud. Catálogo. Câmara Municipal de Bragança: Abril de 2013.

TORGA, Miguel; **Um Reino Maravilhoso (Trás-os-Montes)**. In: MOURÃO FERREIRA, David (Org.) Portugal - A terra e o homem: Antologia de textos de escritores do século XX. II Volume. Edição da Fundação Calouste Gulbenkian, 1979.

Sites

DUSSAUD, Georges. **Georges Dussaud: “Trás-os-Montes é muito fotogénico”**. Entrevista concedida ao Correio da Manhã. 15 de maio de 2013. Disponível em: <http://www.cmjornal.pt/mais-cm/domingo/detalhe/georges-dussaud-tras-os-montes-e-muito-fotogenico>. Acessado em: 15 de fev. 2018.